

# Uma Crítica à Psicologia esboçada em uma teoria das emoções

Sumaia Oliveira da Costa[1]

## Resumo

Um dos maiores debates em Psicologia se refere à sua histórica multiplicidade metodológica. Para estabelecer uma discussão a esse respeito, escolheu-se analisar a “Crítica à Psicologia” na obra de Jean-Paul Sartre (1905-1980). Para Sartre, a ciência psicológica é limitada ao abordar apenas as experiências reflexiva e sensível e suas possíveis ligações. O autor utiliza a emoção para ilustrar de que modo a Fenomenologia pode sustentar a Psicologia. O presente trabalho tem o objetivo de demonstrar e contrapor, quando possível, as críticas ao princípio científico da Psicologia e às diferentes teorias acerca da emoção. Entre as principais conclusões, destaca-se a proposta de um método particular, baseado no conceito de intencionalidade da consciência, com ênfase na concepção de liberdade sartreana.

## Palavras-Chave

Crítica à Psicologia; emoção; Fenomenologia.

A Psicologia, ao contrário das ciências “puras”, naturais ou médicas, é alvo constante de críticas, quer seja por sua falta de unidade metodológica, pela complexidade do seu objeto, ou por sua localização indefinida entre as ciências. É uma disciplina que está situada, a depender da perspectiva de seus teóricos, ora entre as ciências naturais, ora entre as ciências humanas. Apesar de, atualmente, já ser considerada uma ciência intermediária, devido às influências dos aspectos fisiológicos e culturais na determinação do comportamento, essa concepção parece incipiente e distante de um consenso.

Na perspectiva de ciência da natureza, a Psicologia assume basicamente o método positivista, pretendendo a explicação do comportamento e sua conseqüente previsão.

Paralelamente, sob uma abordagem culturalista, fundamenta-se de forma explícita na Filosofia, e visa compreender os fenômenos psicológicos atrelados à dimensão natural do homem.

Trata-se da clássica pergunta: os fenômenos psíquicos são naturais ou culturais? Ou, ainda: qual a influência de cada aspecto - natureza e cultura - na gênese do psiquismo?

Sabe-se que as metodologias utilizadas pela Psicologia possuem, cada uma, sua perspectiva filosófica ou epistemológica própria, na qual se baseiam as explicações e as investigações do comportamento. Verificou-se, ao longo das leituras, que a crítica à Psicologia elaborada por Jean-Paul Sartre, além de atacar o princípio científico desta disciplina, vai desencadear numa proposta de compreensão da emoção baseada no método fenomenológico. O autor considera este fenômeno como objeto específico de análise e, mais que isso, como um paradigma de investigação da subjetividade humana. Neste sentido, a emoção representa a afetividade como um todo, e é sob esta égide que Sartre discute com diversas teorias psicológicas.

O autor tece variadas e profundas críticas a algumas formas de explicação para o fenômeno emotivo, como as teorias da emoção de Willian James, Pierre Janet, Psicologia da Forma - tradução do termo Gestalt - e Psicanálise, dialogando mais detalhadamente com esta por considerá-la a primeira a construir uma teoria da significação.

Analisou-se detalhadamente alguns textos de Sartre, seguindo, mais ou menos, uma ordem cronológica, para tentar abarcar a evolução do pensamento sartreano e investigar algumas contradições. Estudou-se, entre ensaios e críticas filosóficas, a autobiografia, romances e entrevistas dadas pelo autor, a fim de contextualizar suas idéias. Recorreu-se, também, a autores que comentam a obra sartreana, para confrontar suas análises com o que ia se observando durante as leituras. Além disso, foram pesquisados em manuais de Psicologia Geral e em alguns textos específicos o conteúdo das teorias com as quais o autor dialoga e, ainda, analisou-se em alguns autores o conceito de Fenomenologia[2]. Trata-se, portanto,

de uma revisão bibliográfica, em que se discute os resultados da crítica à Psicologia na obra de Sartre.

A atualidade do autor reside, entre outros aspectos, na constatação de que suas discussões dialogam com os sistemas filosóficos precedentes na história do pensamento. Ele já não se encontra no “Século das Luzes”, extasiado com a “descoberta da razão”, nem na fase da sua “crise”, momento antecipado por Nietzsche. Está situado numa época de reconstrução, em que pôde, além de construir um sistema particular de pensamento, repensar o conhecimento já instituído[3]. Logo, não se pode considerar, como alguns o fazem, o pensamento sartreano determinado por uma temporalidade histórica, visto que se trata de uma análise da condição humana, sempre vinculada ao contexto em que o indivíduo nasce e vive.

Sartre não foi um psicólogo de formação. No entanto, ao criticar a Psicologia, oferece elementos para se repensar teorias, a fim de não se transformar esta ciência em numa repetição hermética e defasada. Dado que a Psicologia, enquanto técnica, baseia-se (na maioria das vezes) em construções teóricas precedentes, este trabalho assume a noção geral de que não há “verdades” científicas petrificadas, mas uma constante e necessária ressignificação crítica, capaz de construir uma atividade intelectual condizente com a sua aplicação prática.

### **Críticas à ciência Psicológica**

Para Sartre, embora os psicólogos contemporâneos não se recusem a interpretar e a compreender os fenômenos psíquicos, desejam ter, como as ciências naturais, um objeto definido, e tentam buscá-lo somente na experiência. Entretanto, não consideram outros tipos de experiência, somente a reflexiva e a sensível. Negligenciam, por exemplo, a experiência religiosa e a moral. Neste sentido, Sartre trata a Psicologia como uma ciência uniforme, falando, por exemplo, em “princípio científico”. Mas, haveria um único princípio para esta ciência? Ou ela é essencialmente múltipla? Comenta-se que não há uma Psicologia, mas as Psicologias, tanto em nível teórico quanto prático.

Sartre também não discute em nenhum momento, na bibliografia consultada, a relação entre teoria e prática, nem qualquer forma de aplicação técnica, deixando de considerar, portanto, a possibilidade de se conviver com variados métodos, a depender do objetivo profissional. Quando se refere à Psicologia, considera-a uma forma de compreensão do ser humano e de seus fenômenos psíquicos e não uma ciência aplicada. Neste sentido, pode-se pensar, ao contrário do que o autor afirma e, ao mesmo tempo, baseando-se em sua crítica, que onde existir um sujeito haverá possibilidade de fundar uma Psicologia. Por outro lado, só foram encontradas análises em que o autor considera, talvez, uma perspectiva de Psicologia clínica, ao falar, por exemplo, em Psicanálise Existencial[4].

Sartre, no entanto, considera que “não se compreende o interesse desses trabalhos de colecionador”[5], afirmando que os psicólogos que tentam absorver a essência humana baseada apenas em fatos empíricos simplesmente acumulam acidentes, preferindo, por positivismo, o fato contingente e isolado ao essencial e necessário. Para Sartre, se os psicólogos,

“...animados, na sua modéstia, pela esperança, louvável em si, de que mais tarde se conseguirá realizar, com base em suas monografias, uma síntese antropológica, então, na verdade, contradizem-se a si mesmos. Dir-se-á que esse é exatamente o método, e a ambição das ciências da natureza. A isso, haverá que responder que as ciências da natureza não procuram conhecer o mundo e sim as condições de possibilidade de certos fenômenos de ordem geral[6].”

Este trecho deve ser minuciosamente analisado, porque reflete uma das grandes contradições do pensamento sartreano. Primeiramente, deixa claro que os fenômenos psíquicos são de outra natureza e não podem ser investigados sob os mesmos métodos que as ciências positivas, pois estas não estariam preocupadas em estabelecer uma essência humana sobre a qual analisar os fenômenos. A Psicologia, ao contrário, precisaria fundar uma Antropologia, uma síntese final que procurasse definir e limitar a priori seu objeto de estudo, e não a partir de fatos observados ao acaso, sem conexão uns com os outros. Para Sartre, a Psicologia não tem condições de estabelecer uma base essencial, que a possibilite

entender os fenômenos psíquicos, já que seu método está baseado apenas nas experiências sensível e reflexiva. Ou seja, a Psicologia, preocupada com os fatos da consciência individual, não consegue apreender a natureza essencial de cada fenômeno humano, como as emoções, por exemplo. Seria necessário que a investigação psicológica partisse de uma base, ou essência, pré-definida e descoberta. Embora o autor assuma que essa noção de essência universal não está construída, considera que deve ser sempre buscada, sob pena de a Psicologia nunca vir a abarcar toda a experiência humana.

Esta sugestão, embora não detalhada, é proposta nos textos *Esboço de Uma Teoria das Emoções* (1939), *O Ser e o Nada* (1943), e *A Imaginação* (1936). Confunde-se, inicialmente, com a concepção ontológica sartreana, pois, ao considerar a necessidade de uma essência universal para cada fenômeno da consciência, parece descartar a afirmação futura (quando assume uma concepção marxista) de que o homem vive o contexto. Mais tarde, no texto *O Existencialismo é um Humanismo* (1945), surge esta nova proposta. Como, então, construir uma essência humana que não seja baseada no conceito de natureza, mas na condição do ser? Se a condição é temporal e individual, como pode haver uma base única sob a qual analisar os fenômenos psíquicos de todos os seres, visto que estes assumem significados diferentes a depender da situação? Parece que a noção de essência, citada acima, em 1939, refere-se à idéia de estrutura, a qual Sartre condena no texto de 1945 (*O Existencialismo é um Humanismo*), quando constrói obras e práticas totalmente engajadas.

O pensamento sartreano é povoado de oposições entre essência e construção, estrutura e liberdade, ontologia e marxismo. Afinal, questiona-se ao autor a possibilidade de se construir uma “Antropologia”. Em que ela seria baseada, já que os fatos empíricos são insuficientes? Haveria relação entre esta idéia e o conceito de projeto, através do qual o autor afirma que o ser humano “se define pelos fins que persegue”?[7] Ora, certamente uma essência do homem também englobaria o futuro, já que ele é, no presente, uma reformulação constante que visa sempre algo, seja imediata ou tardiamente.

Sartre considera a Psicologia uma ciência desordenada devido a essa falta de base estabelecida antes de qualquer análise. Neste sentido, parece referir-se, em parte, a conceitos que precisariam ser pré-definidos, sobre os quais considerar os fenômenos manifestos. E, neste sentido, a Psicologia, como qualquer outra ciência, constrói conceitos e definições próprias, entretanto, não é e nem parece caminhar para fixar uma terminologia única. Mas esta é uma das críticas sartreanas, a qual justificaria a eterna pretensão da Psicologia em se constituir como ciência. Como não circunscrever as definições conceituais a cada corpo teórico que compõe a ciência psicológica?

Neste caso, para o autor, deve haver uma orientação metodológica básica antes de qualquer análise, e não a empiria por ela mesma, se autoexplicando. Entretanto, considera que, na maioria das vezes, os fatos investigados pela Psicologia não têm qualquer relação entre si, indo desde “o complexo de inferioridade à ilusão estroboscópica”. O autor denuncia que a ciência psicológica não estabelece uma relação essencial entre a emoção, a memória, a atenção e a percepção.

Novamente, é uma crítica que desconsidera as subdivisões da ciência psicológica. Mas, além disso, atualmente há teorias que preenchem essa lacuna apontada pelo autor. Os psicólogos russos (Vigotski, Leontiev, Luria) em uma análise cognitiva, consideram que a afetividade é uma manifestação total do indivíduo, inclusive em sua formação[8]. A emoção liga-se à linguagem, ao pensamento e às outras funções psíquicas, a diferença está nas formas de acesso aos significados individuais, doados pela consciência[9], mas analisados sob diferentes perspectivas.

Desta forma, a compreensão e o paradigma são semelhantes ao pensamento sartreano, mas o método difere. Enquanto a Psicologia Cognitiva estabelece testes de avaliação, a Fenomenologia sartreana propõe a redução eidética (chegar às essências) para alcançar os conteúdos ou sentidos da consciência, e a Psicologia Social Latino-Americana, que também considera como foco de análise a afetividade, vinculando-a às ideologias e instituições em que o indivíduo está inserido, detalha a idéia do ser-em-situação afirmado por Sartre. Esta última estabelece como instrumento de acesso à afetividade pessoal a análise dos discursos

e de suas contradições, numa abordagem histórico-dialética. Sartre, no entanto, não chega a detalhar o fenômeno emotivo como um produto histórico ou como constituinte do psiquismo humano, que para ele se configura na liberdade da consciência.

### **Debate com as teorias clássicas**

O autor questiona, orientando sua discussão: “Aplicados a um exemplo específico, o estudo das emoções, por exemplo, que resultará dos princípios e dos métodos do psicólogo?”[10]

Nesse sentido, primeiramente, denuncia os limites e a definição dos fenômenos emotivos baseados na experiência, afirmando que o psicólogo se esquece de que possui uma noção conceitual que demarca a singularidade dos fatos emotivos antes que eles aconteçam. Do contrário, a experiência não poderia, por si mesma, estabelecer a diferença entre as manifestações emocionais e quaisquer outras reações corporais. Mas o psicólogo prefere acreditar, segundo Sartre, que os acontecimentos empíricos reuniram-se “naturalmente”.

O autor aponta que, para o psicólogo, a emoção nada significa, ela apenas é, surge, é entendida como um fato encerrado em si mesmo, ao passo que a Fenomenologia tenta tornar claro e explícito o significado dos comportamentos e da consciência emocionada.

Dentre as discussões principais, destacam-se os debates com a teoria de W. James e a de P. Janet. As considerações à Psicologia da Forma e à teoria de Henri Wallon são apenas para ilustrar contribuições ao modelo teórico de Janet.

#### **1. Willian James (1842-1910)[11]**

James considera que o indivíduo sente as manifestações fisiológicas e em seguida adquire consciência da emoção que elas indicam. Inverte, assim, a concepção tradicional, em que primeiro se reconhece a emoção e depois se reage a ela. Por exemplo, para ele uma pessoa, ao saber que perdeu a fortuna, chora, e a consciência deste estado físico é a emoção de tristeza. Assim, a seqüência não é o sujeito perder a fortuna, ficar triste e chorar, mas ficar triste porque chorou, já que perdeu a fortuna.

Sartre alerta que se a emoção é apenas uma projeção das manifestações fisiológicas, como identificar, por exemplo, a alegria passiva, em que o corpo não indica o significado a ser percebido, ora permanecendo inalterado ora apresentando reações orgânicas banais?

O autor relata as críticas já elaboradas à teoria em referência, as quais questionam: “como explicar as emoções delicadas?” Como compreender, sob essa perspectiva, uma alegria comodamente recordada? Como aceitar, então, que simples manifestações corporais possam refletir estados psíquicos qualificados?

“Como podem certas modificações quantitativas e, por isso mesmo, quase contínuas nas funções vegetativas corresponder a uma série qualitativa de estados irreduzíveis entre eles? Por exemplo, as modificações fisiológicas que correspondem à ira não diferem, a não ser pela sua intensidade, daquelas que correspondem à alegria (ritmo respiratório um pouco acelerado, ligeiro aumento da tensão muscular, aceleração das alterações bioquímicas, da tensão arterial, etc.) e, apesar disso, a ira não é uma alegria mais intensa, é uma coisa diferente, pelo menos na medida em que chega à consciência”. [12]

Para Sartre não existe, na alegria, uma excitação que a conduza à ira ou a origem. Como, então, uma emoção conduz à outra? Uma emoção não se reduz a outra, nem mesmo se o indivíduo, por acaso, passar do estado alegre ao raivoso, porque, nesse caso, pode ter havido a intervenção de diversos acontecimentos psíquicos que não podem ser simplesmente verificados pelo corpo. Por exemplo, a alegria tranqüila originada de uma lembrança, como o corpo a determinaria? E como qualquer manifestação fisiológica poderia ser percebida de forma organizada pela consciência?

Se assim fosse, como um estado físico poderia representar o terror? Por mais que tais manifestações corporais sejam desordenadas, como elas seriam capazes de produzir uma consciência “aterrorizada”, e por que não indicariam outro tipo de emoção? Como o corpo poderia atribuir sentido específico a cada estado emotivo?

Mesmo que a emoção fosse notadamente a consciência de uma desordem fisiológica, teria que significar tal desordem, pois o corpo, sozinho, não poderia determiná-la. A emoção, para Sartre, se apresenta como uma relação do indivíduo com o mundo, e a consciência dessa relação (manifestada pela emoção) é uma estrutura organizada e não “um elo caótico entre o eu e o universo”, é parte da totalidade do sujeito.

Sartre afirma que os críticos de James instituíram a teoria da sensibilidade cortical a fim de justificar as emoções não explicadas empiricamente. No entanto, o autor argumenta que James apresenta uma vantagem, a de considerar apenas as perturbações fisiológicas direta ou indiretamente verificáveis. Ao contrário, a teoria da sensibilidade corticotalâmica sugere uma perturbação inverificável em qualquer aspecto, físico ou psíquico:

“SHERRINGTON realizou certas experiências com cães e podemos elogiar, sem dúvida, a sua habilidade de operador. Todavia, essas experiências, examinadas por si só, não provam absolutamente coisa alguma. Do fato de uma cabeça de cão, praticamente isolada do corpo, ainda mostrar indícios de emoção, não vejo que se tenha o direito de concluir que o cão sente uma emoção completa.”[13]

Sartre sugere, além disso, que mesmo que a sensibilidade cortical fosse estabelecida, seria preciso voltar a perguntar se alguma manifestação fisiológica pode indicar “o caráter organizado da emoção”. Assim, na perspectiva de W. James, não se considera o significado de cada emoção, pois ela é entendida como uma evidência empírica e não um fenômeno a ser investigado. Para o autor, W. James desconsiderou o aspecto “psíquico” da emoção, considerando-a como mera percepção corporal. Ao supor que esta se constitui na consciência das manifestações fisiológicas, a emoção refletiria dois grupos de fenômenos: a expressão corporal e o “estado de consciência”, ou seja, a emoção percebida. O que Sartre vem a chamar de “psíquico” é, necessariamente, o significado atribuído pela consciência. Nesse sentido, questiona-se se a consciência seria apenas um conjunto de percepções, com significados determinados pelos sentidos, como se fosse uma cópia das atividades sensoriais no nível mental.

A respeito da teoria de W. James ser apenas uma teoria fisiológica, Sartre parece estar certo, já que, atualmente, a neurologia ainda a considera correta, indicando seu caráter puramente orgânico. Voltamos, então, à questão do princípio da Psicologia. Não será verdadeiro que uma teoria mecanicista não pode ser considerada psicológica, e, paralelamente, uma teoria psíquica precisa de elementos próprios? Para Sartre, é necessário, a fim de atingir tal objetivo, uma ênfase no significado que a consciência individual atribui ao mundo e às experiências.

## **2. Pierre Janet (1859-1947)[14]**

Sartre aponta P. Janet como um teórico que percebeu a falha de W. James, ao conceber a emoção como um comportamento psíquico, entendendo as manifestações fisiológicas como reações de uma ação mental significativa.

Fazendo referência a P. Janet na análise da emoção, assim como a Freud, Sartre indica que eles não estudaram a causa de emoções específicas, como medo, raiva, alegria ou tristeza, nem a gênese da vida emocional, mas sim as manifestações subjetivas dos indivíduos. Assim, o ponto de análise é a expressão da subjetividade como um todo, tanto patológica quanto saudável, expressa pela emoção.

Contudo, para Sartre, P. Janet, neste primeiro momento, também se mostrou sensível à desordem de toda emoção. Janet estaria fazendo da emoção um comportamento de desadaptação ou de derrota, já que, não sendo possível ao psicastênico manter o comportamento adaptado, superior, sua energia psíquica é liberada (como emoção) numa forma inferior de adaptação. Essa manifestação inferior requer uma tensão psicológica mínima, pois libera o conteúdo psíquico através da desordem corporal.

“Vejam, por exemplo, uma moça a quem o pai acaba de dizer que está com dores no braço e que receia um pouco a paralisia. A moça deita-se por terra, presa de uma emoção violenta, que surge de novo alguns dias mais tarde, como a mesma violência, e, que, finalmente, a obriga a recorrer aos serviços dos médicos. Durante o tratamento, a moça

confessa que a idéia de cuidar do pai e de levar uma vida austera, quase de enfermeira, lhe havia parecido, de súbito, algo insuportável”.[15]

A emoção, neste caso, representa um comportamento de fracasso. A paciente o adotou porque assumir o comportamento adequado lhe seria muito difícil. O choro e a crise de nervos representam a derrota que substitui o comportamento inicial, numa espécie de “derivação”, tendo se originado a partir do momento em que ela obteve a notícia, e se perpetuado, fazendo surgir as reações fisiológicas. Desta forma, Janet teria reintegrado o “psíquico” na emoção explicando que as manifestações fisiológicas representam a consciência de um fracasso e o próprio comportamento psíquico de fracasso.

A partir de um exemplo[16] tomado da Psicologia da Forma, Sartre concebe outro tipo de significação para a ira, o sentido de fuga, e não mais de fracasso, apenas. Complementando a explicação da emoção na paciente acima, o autor comenta:

“Poder-se-á compreender, a partir de agora, os exemplos que citamos mais acima: a psicastênica que foi consultar Janet desejaria confessar-lhe. Mas a tarefa é-lhe demasiado difícil... É necessário escapar a essa tensão intolerável, e a doente só o consegue fazer exagerando a sua fraqueza, o seu desespero, substituindo o ato a realizar pelo choro e a crise de nervos”[17]...

A doente, então, transmite a si mesma uma sensação de vítima (“como eu sou infeliz”), transformando Janet em consolador ao invés de juiz, exteriorizando, assim, a sua impossibilidade de falar, mudando sua necessidade de confessar seu receio devido à pressão que o mundo exerce sobre ela (a obrigação de cuidar do pai).

Todavia, para Sartre, embora se trate de uma tese psicológica, voltando a introduzir implicitamente a finalidade de cada comportamento emotivo através do caráter de derivação automática, possui uma “simplicidade bem mecanicista”, já que a derivação é, para o autor, apenas “uma mudança de direção para a energia nervosa libertada”. Ele afirma que Janet, muitas vezes, sugere que o doente se entrega ao comportamento inferior para não

adotar o superior. Por exemplo, uma pessoa que se irrita no momento em que já não encontra argumentos para responder a uma provocação está substituindo o comportamento de fracasso pela irritação. Neste caso, o comportamento inferior aparece para ocultar a impossibilidade de se comportar adequadamente. A emoção, aqui, é o conjunto fisiológico de manifestações difusas.

Janet só se difere de James porque acentua mais a derrota como comportamento psíquico. Se o indivíduo for considerado um sistema de comportamentos e a derivação se fizer automaticamente, o fracasso é apenas a substituição de um comportamento por um conjunto de reações orgânicas. Neste sentido, Sartre acrescenta que, para a emoção adquirir o significado de fracasso, é necessário que a consciência o imprima, e é claro que pode haver muitos outros significados para emoções particulares. Logo, para ele, Janet não considera a intervenção da consciência como constitutiva do significado de cada emoção, mas sugere que o sentido é imanente ao comportamento.

Para Sartre, Janet é ambíguo, não apresentando uma teoria pura da emoção - comportamento. Ele não teria explicado, por exemplo, as razões de haver diversos e variados tipos de derrota, de acordo com a situação e o contexto. Seus exemplos não se referem a emoções complexas ou diferenciadas, mas, na maioria das vezes, a perturbações simples, mais próximas do choque emotivo que da emoção qualificada. E, embora a Psicologia da Forma permita chegar a uma concepção funcional da ira, a passagem do estado de investigação – a tensão em descobrir como resolver o problema do círculo – ao estado de ira – reação final de evasão à situação – seria apenas a ruptura de uma forma e a reconstituição de outra (ver nota 16). Rompendo-se a forma do “problema sem solução”, como se chegou à outra, se a última só existe em relação à primeira? Assim, o único processo que há é a transformação de um estado emotivo em outro; o que, para Sartre, é uma ação que só pode ser realizada pela consciência. Afinal, como explicar que “a pessoa irada enfraquece as barreiras que separam as camadas profundas e superficiais do eu”?

### **Sartre e a Psicanálise**

Inicialmente, o autor diferencia em *O Ser e o Nada* a psicanálise empírica (freudiana) da psicanálise existencial, proposta pelo próprio Sartre, que se tiver semelhanças com a primeira é apenas na etimologia do termo.

Esta discussão, assim como a idéia de uma “Antropologia”, se dá também sob o conceito de estrutura. Para Sartre, não há uma estrutura psíquica que estabeleça significações, surgindo aí a idéia de que a essência se dá na própria existência. Resta saber: como associar essa compreensão existencial a uma abordagem fenomenológica anterior? Como diferenciar a essência única do ser de uma essência inerente a cada emoção?

Sabe-se que o inconsciente psicanalítico é uma estrutura dinâmica e significativa que pode ser revelada em sonhos, desejos, atos falhos, tiques, fantasias e sintomas. Para Sartre, no entanto, os fatos psíquicos são “co-extensivos à consciência”. A psicanálise, então, acertou em atribuir finalidade à emoção, mas pecou em engessar seus significados. Já que a teoria psicanalítica compreendeu que o estado de consciência é mais do que ele mesmo, no sentido da percepção mecanicista, já existiria, então, uma teoria psicanalítica das emoções? A isso o autor argumenta:

“A interpretação psicanalítica concebe o fenômeno consciente como a realização simbólica de um desejo frustrado pela censura. Notemos que para a consciência esse desejo não é implicado na sua realização simbólica. Na medida em que ele existe pela e na nossa consciência, o desejo é unicamente aquilo por cuja forma se manifesta: emoção, vontade de dormir, fobia do loureiro, etc. ... O que disso resulta é o fato do significado do nosso comportamento consciente ser inteiramente exterior a esse próprio comportamento”[18].

Alguns autores consideram que esta posição sartreana, embora pareça um contraste da teoria do inconsciente, acabaria afirmando a concepção psicanalítica. Sartre, no entanto, é categórico ao afirmar que os fenômenos podem ser irrefletidos (impensados), mas não necessariamente inconscientes. Deve-se, ao menos, se se quiser chamar irrefletido de inconsciente, designar as diferenças. Não se trata, para Sartre, de uma instância mental, mesmo que suposta. Desvinculando-nos dos primeiros textos e associando sua proposta

fenomenológica à perspectiva existencialista, pode-se entender que o indivíduo reage a situações específicas, escolhendo, refletida ou irrefletidamente, posições que manifestam seu projeto ou seu impulso para o futuro.

Sartre critica o determinismo simbólico assim como a determinação atribuída ao meio. No primeiro, é o método que determina a significação dos fenômenos, ao invés de deixar que se revelem em uma intuição evidente. A psicanálise enquadraria a afetividade primordial como se fosse um palco virgem em que a libido encena potencialidades sempre presentes de manifestação. Quanto ao meio, Sartre não aceita explicações que voltem ao passado individual, pois argumenta que o sujeito se reconstrói a todo instante. É claro que o autor não nega as determinações genéticas, sociais, econômicas, corporais, mas sugere que elas não formam a totalidade de um indivíduo, e que ele se orienta também para o futuro. Além disso, como ser ativo o homem atribui significados pessoais a um mesmo ambiente. Sartre argumenta que o indivíduo deve, portanto, ser investigado não pelo que possui em comum com os outros animais, mas pelo que nos faz diferentes e singulares. Certamente diria que somos ao menos mais livres.

Para Sartre, a psicanálise e a psicologia empírica recolhem e unem elementos a fim de explicar o temperamento, as tendências ou as condições em que determinados fatos ocorreram, buscando sintomas ou estruturas genéricas da patologia ou do comportamento e sem investigar a relação concreta entre os fenômenos e o sujeito. No entanto, as explicações em termos de padrões são apenas categorizações vazias, circunscritas apenas ao fato ou, no caso da psicanálise, a uma significação rígida atribuída a qualquer indivíduo em qualquer contexto que manifeste determinados comportamentos ou sintomas.

Não é, portanto, apenas um organismo que se comporta, mas, para o autor, é um indivíduo que se relaciona em sua totalidade humana com o mundo. Assim, a explicação psicológica, e aí se inclui a psicanálise e a psicologia como um todo, seja qual for a teoria, descreve ora uma classificação ora as relações de concomitância entre eventos observáveis, relações que, para Sartre, são apenas secundárias.

Sartre critica, assim, o princípio básico da psicanálise. Dado que, para a teoria psicanalítica, o fenômeno consciente é o sintoma de uma significação inconsciente, a consciência, então, não realizaria simbolicamente desejos. O desejo consciente é a emoção manifesta. Todavia, ela não traz, explicitamente, seu próprio significado, pois o indivíduo não tem consciência do seu verdadeiro desejo, quando apresenta a emoção. Sartre considera que, para esta teoria, o comportamento consciente é como uma “coisa, efeito de certo acontecimento”, que apenas indica, de longe, seu significado inconsciente. E indica apenas na medida em que estabelece uma relação exterior que não pode ser intuída por quem observa (a não ser para os psicanalistas), não estando, portanto, no âmbito dos fatos que “aparecem”. Esclarece:

“Por exemplo, como os vestígios de uma fogueira acesa na montanha são em relação aos seres humanos que a acenderam. As presenças humanas não se conservam contidas nas cinzas que ficam depois da fogueira apagada. Essas presenças estão ligadas às cinzas por uma relação de acaso: a relação é externa, os vestígios da fogueira são passivos, no que respeita a essa relação à sua causa. Uma consciência que não tivesse adquirido os conhecimentos técnicos necessários não poderia apreender esses vestígios como indicações. Contudo, esses vestígios são, ao mesmo tempo, o que são, isto é, existem em si no exterior de toda interpretação significativa: são pedaços de madeira, meio queimados, eis tudo”[19].

Desta forma, o significado atribuído pelos psicanalistas não é indicado pelo fenômeno, em uma relação aparente de causalidade. Sartre pergunta, quanto a isso, se podemos acreditar que o significado de um fato de consciência pode vir do exterior e não dele mesmo. Considerar uma interpretação externa, para o autor, “é aceitar que a consciência se constitua em significado sem estar consciente da significação que (ela própria) constitui. Neste sentido, o autor visualiza uma contradição, a não ser que se considere a consciência como um fenômeno passivo e secundário, recusando-se assim o cogito cartesiano. Se a consciência se faz, ela só pode ser aquilo que significa, fazendo “aparecer” seu sentido. Sartre alerta para o fato de que a significação pode não estar perfeitamente explícita, pois existem variados graus de clareza, mas afirma que a consciência deve ser interrogada “de dentro”, procurando sua significação nela mesma e não numa relação exterior a ela. Para

ele, para que o cogito seja possível, a consciência tem que ser tanto o fato como a significação e o significado, e não ser baseada em construções hipotéticas que independem do significado implícito. Neste sentido, deve-se esclarecer que a perspectiva sartreana não estabelece que o fenômeno tenha um sentido independente do sujeito que o visa. Ao contrário, o sentido de um comportamento é atribuído pelo sujeito que o vive. Com relação à teoria do significado, Sartre finaliza:

“Na realidade, o que torna difícil uma refutação completa da Psicanálise é o fato do psicanalista não considerar a significação como conferida inteiramente do exterior à consciência. Para ele há sempre uma analogia interna entre o fato consciente e o desejo que ele manifesta, visto que o fato consciente simboliza com o complexo manifestado”[20].

Parece haver, em Freud, uma lacuna entre a consciência e o inconsciente na teoria do símbolo. Vê-se que este é o problema fundamental para Sartre. O autor critica a psicanálise por ter apelado para uma entidade exterior à consciência a fim de explicá-la, porque, para ele, inclusive os comportamentos irrefletidos têm um sentido circunscrito ao fenômeno. De acordo com a análise sartreana, esse caráter de símbolo constitui o próprio fato de consciência para o psicanalista, pois o símbolo vai indicar que o desejo inconsciente é um elemento verificável, o que Sartre admite estar perfeitamente de acordo. Contudo, argumenta que se a simbolização é o que constitui o fato consciente, pode-se visualizar um elo de compreensão entre a simbolização e o símbolo que ela indica. Ou seja, o símbolo consciente estaria ligado a seu significado através da compreensão, e não da imanência e identificação ao fato. Deste modo, esta compreensão é do psicanalista e não do sujeito investigado.

O autor questiona, assim, sobre a consciência: ela seria simbolização de quê? Ora, a relação entre símbolo, simbolizado e simbolização “é um elo intra-estrutural da consciência”, ou seja, é um todo que a constitui e se manifesta. Mas, considerando que a consciência só é simbolizante porque há uma “pressão causal” entre o que ela representa e o fato transcendente (o desejo frustrado), admite-se, novamente, a relação de causa entre o significado e seu significante. Neste sentido, Sartre afirma que “é contradição profunda de

toda a Psicanálise apresentar, ao mesmo tempo, um elo causal e um elo de compreensão” fazendo parte do mesmo comportamento, ou seja, a psicanálise estaria atribuindo uma causalidade aos fatos que pode perfeitamente não ser real, sendo apenas interpretativa.

Sobre essa relação, Sartre não desconsidera a validade dos resultados psicanalíticos, obtidos por essa técnica. Afirma, por um lado, a “inteligibilidade” de sua teoria de “causalidade psíquica”. Contudo, para ele, o fenômeno psíquico só pode ser entendido através da compreensão se a consciência for investigada. A isso, segundo o autor, se estabelece uma dificuldade de princípio, pois, “se a consciência organiza a emoção como um determinado tipo de resposta adaptada a uma situação exterior, como é possível, então, que ela não tenha consciência dessa adaptação?”. Assim, a Psicanálise apresenta, para Sartre, uma espécie de desnível em seu próprio princípio entre a significação e a consciência.

Para Sartre, a Psicanálise reconhece a finalidade da emoção, mas tenta afastá-la, e, mais que isso, devido a sua noção de sentido inconsciente, os psicanalistas considerariam que, mesmo afastando-a (ou reprimindo-a), ela “nos invade - apesar de tudo”. Desta forma, é a teoria que doa o sentido do fenômeno e não a consciência do indivíduo psicanalisado. E, ainda, para a psicanálise, mesmo os comportamentos não manifestos e conseqüentemente não passíveis de serem entendidos teriam uma finalidade, a priori, pronta para ser encontrada ou interpretada.

### **Consciência e liberdade**

Sartre, ao se afastar da crítica à Psicologia, o faz através da proposta de uma análise fenomenológica. Para isso aproxima-se do conceito husserliano de intencionalidade da consciência, sugerindo como técnica a redução eidética. Isso significa que todos os fenômenos, desde a percepção à raiva, têm um sentido atribuído pelo sujeito que o vivencia e no momento em que aparece é reduzido a si mesmo para ser compreendido. Neste sentido, parece que a concepção sartreana assemelha-se às teorias monistas, pois há uma totalidade indissociável entre o sujeito e o fenômeno, não sendo estabelecidas instâncias como corpo e mente.

Sartre insere, nesta análise, o conceito de nadificação, em que se estabelece a transcendência da consciência e, conseqüentemente, do indivíduo. Para o autor, não há nada numa suposta consciência, ou seja, ela não está na mente, mas no mundo, na medida em que se manifesta. E se manifesta através dos sentidos atribuídos aos fenômenos. Por isso entre a consciência e o mundo não haveria “nada”, e um se constitui e depende do outro. A consciência, assim, é transcendente, mas apenas na medida em que ultrapassa o fato para absorver seu sentido.

Da mesma forma, um objeto (nesse caso os fenômenos psíquicos) só existe para um sujeito que lhe dá significado, perspectiva em que homem e mundo são inseparáveis. Assim, a consciência é fonte de intencionalidades cognitivas, afetivas e práticas. Para Sartre, essa noção de consciência se estende ao aspecto moral, na medida em que é considerada a estrutura fundamental da exigência ética e, conseqüentemente, da liberdade em sua manifestação deliberada.

Nesse contexto, Sartre a entende tanto no sentido ontológico quanto existencial. Parece, inclusive, que o existencialismo sartreano começa onde termina a ontologia, em que o autor passa a realizar uma doutrina da ação após a elaboração transcendental. A liberdade, no entanto, não é uma característica da consciência, já que esta não existe em si mesma, mas é o que constitui e forma a existência, no sentido de que a consciência é livre para se manifestar. A liberdade é, então, uma condição essencial da existência em forma e sentido. A consciência é, para Sartre, desconhecida, e só se tem acesso a ela através da manifestação fenomenal, pois não está guardada no inconsciente nem estruturada na memória, mas se manifesta à medida que o sujeito age.

## Conclusões

Três vertentes povoam o pensamento sartreano: a fenomenologia, a ontologia e o marxismo, resultando em sua análise da condição humana (existencialismo). Assim, a crítica à psicologia não pode ser desvinculada do pensamento sartreano como um todo.

Para criticar a Psicologia, parte, de uma análise ontológica em direção a uma compreensão existencial do homem, em que se considera o ser como possuidor de individualidade, responsabilidade e liberdade básicas. Para Sartre, a Psicologia precisa se fundamentar na Fenomenologia, no sentido da última permitir um método que é ao mesmo tempo interpretativo e positivo, já que parte dos fatos. Esta é uma idéia, inclusive, do início do movimento fenomenológico, em que se tentava responder à ciência com um método eficaz, dado aos ataques ao positivismo e à recusa à metafísica. Mas a Fenomenologia sozinha daria conta de unificar a Psicologia? Em que medida ela seria útil? Além disso, é possível investigar os conteúdos da consciência através de um único método?

A Fenomenologia é entendida, aqui, como uma espécie de “olhar fenomenológico”, como postura metodológica e não como doutrina, menos sistematização científica e mais uma técnica, uma forma de abordagem.

O autor analisa, pontua, critica, mas na proposta volta ao método fenomenológico tradicional. Propõe que se estabeleçam os significados de cada emoção, mas como construir tal ciência? Haveria significações essenciais para o medo, a alegria, o terror, que fossem universais e aplicáveis a qualquer pessoa que as sentisse? Ou estaria tratando da necessidade de estabelecer uma única linguagem? Diante de tantos fenômenos psíquicos e diversos pontos de partida, como fazê-lo?

Foi possível, a fim de não fragmentar uma obra extensa e múltipla, possibilitando sua compreensão, unir fenomenologia e existencialismo, e com isso associar essência a existência, estrutura a liberdade.

Com relação à análise do sentido imanente à consciência, esta análise seria baseada em quê? Em essências, estruturas? Estaria Sartre se referindo a uma análise semiótica? Qual a relação entre ambos os métodos?

Sartre afirma que a consciência a ser investigada é a do sujeito em análise, e que sua significação pode ser absorvida por qualquer pessoa. Como realizar uma comparação entre

os fenômenos que o sujeito faz aparecer a fim de descobrir sua totalidade organizada, da qual tudo se origina?

A emoção é, então, entendida como o modo de ser desta consciência, manifestando-a. É, portanto, a linguagem do organismo, modificando o mundo individual e intersubjetivo. São ações psíquicas e reações corporais específicas, constituindo-se, para Sartre, em formas de satisfazer as necessidades subjetivas. Logo, a emoção consiste na expressão do ser que deseja, que ama, que tem medo, que escolhe, que se comunica com o mundo e com o outro.

No que diz respeito ao método da psicanálise existencial, sua meta é descobrir, por trás das aparências empíricas e dos comportamentos, a forma original de cada indivíduo, considerando-o numa relação concreta com o mundo. Afinal, não seriam as escolhas específicas que determinariam e definiriam a individualidade de cada um?

A psicanálise sartreana, tendo se originado do existencialismo, é baseada numa consideração antropológica, ou seja, na tentativa de que alguém a construa. Trata-se de considerar toda a experiência humana e não apenas a patologia, as neuroses os distúrbios, mas uma noção que englobe desde a criatividade à religião, a fim de entender e explicar a significação básica da experiência humana.

### **Referências Bibliográficas:**

Artigos de Publicações Periódicas. Col.: Normas para publicações da UNESP.

ABBAGNANO, Nicola. História da Filosofia. Vol. XIX

ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. P. Filosofando: uma introdução à filosofia. São Paulo: Ed. Moderna, 1995.

BEAUVOIR, Simone de. A Força da Idade (1908). 2ª ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. Memórias de uma moça bem-comportada (1908). 2ª ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1983.

CARPIGIANI, Berenice. Psicologia – das raízes aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Pioneira, 2000.

DARTIGUES, André. O que é a Fenomenologia? Tradução de Maria José J. G. De Almeida. São Paulo. Editora Centauro, 7ª ed.

FREUD, Sigmund. Obras Completas. Vol. XIX. O ego e o id. Edição Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GIORA, Regina Célia, REY, Fernando Gonzáles, LENZONI, Ana Maria; SILVIA, T. Maurer Lane e Yara Araújo (orgs.); Arqueologia das Emoções. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1999.

MACHADO. J. A. P. (tradução). O Testamento de Sartre. Porto Alegre. Ed. L & M, 1986.

MAY, Rollo. Psicologia e Dilema Humano. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1977.

MARTINS, Joel & DICHTHEKENIAU, Maria Fernanda S. Beirão (orgs). Temas Fundamentais de Fenomenologia. São Paulo. Ed. Moraes, 1984.

MEDEIROS, João Bosco. Redação Científica. São Paulo. Ed. Atlas, 1999.

PENNA, Antônio Gomes. Introdução à História da Psicologia Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PERLS, Fritz. A abordagem gestáltica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

PINTO, Manuel da Costa. Sartre, A Transparência e o Obstáculo; SILVA, Franklin Leopoldo e. Metafísica e História no Romance de Sartre. Revista Cult: Revista Brasileira de Cultura. Seção Dossiê: 20 anos Sartre. São Paulo. Ed. 17. Maio, 2000 (retirado do cd rom).

POPPER, Karl. A lógica da Pesquisa Científica (cap.1).

SARTRE, Jean-Paul, & FERREIRA, Vergílio. O existencialismo é um humanismo. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

1 \_\_\_\_\_. A idade da razão. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

\_\_\_\_\_. Col. Os Pensadores. A Imaginação; O existencialismo é um Humanismo; Questão de Método. Tradução de Vergílio Ferreira, Luiz Roberto Salinas Fontes, Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

\_\_\_\_\_. As palavras. Tradução de J. Guinsburg. 3ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

\_\_\_\_\_. Esboço de uma Teoria das Emoções. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1965.

2 \_\_\_\_\_. O Ser e o Nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica. Cap. 2. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1997.

-----

[1] Aluna do 6º semestre da Faculdade Ruy Barbosa de Psicologia. Este trabalho é o resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada em 2001, nesta Faculdade, sob a orientação do professor José Euclimar de Menezes.

[2] Todas essas referências são especificadas na bibliografia.

[3] Alerta-se para que este estudo não seja entendido como uma elaboração completa do pensamento de Jean-Paul Sartre, tratando-se apenas da análise de um tema específico, recortado da sua vasta obra, notadamente do período inicial, antes do autor assumir uma orientação marxista.

[4] Sartre, J. P. O Ser e o Nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica. Cap. 2. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1997. p. 682

[5] Sartre, J. P. Esboço de Uma Teoria das Emoções. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1965. p. 11

[6] ibidem, p. 9

[7] SARTRE, Jean-Paul, & FERREIRA, Vergílio. O existencialismo é um humanismo. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

[8] Para Vigotski (A Formação Social da Mente. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 1998), a formação da memória está condicionada à afetividade, no sentido de que, através da fala, se pode representar por signos a atividade futura, estruturando a atenção e a percepção temporal, originando as funções de intenção e propósito e inaugurando na criança a capacidade de agir de acordo às suas escolhas e motivações pessoais.

[9] GIORA, Regina Célia, REY, Fernando Gonzáles, LENZONI, Ana Maria; SILVIA, T. Maurer Lane e Yara Araújo (orgs.); Arqueologia das Emoções. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1999.

[10] Sartre, J. P. Esboço de uma teoria das Emoções. p. 12

[11] Nasceu em Nova Iorque, formou-se em medicina em Harvard, onde foi professor de Filosofia e de Psicologia Experimental. É considerado o precursor da Psicologia funcional; não fundou um sistema formal nem teve discípulos, mas seu livro: Princípios de Psicologia, publicado em 1890, é considerado uma importante contribuição ao campo, devido à sua perspectiva de entender a mente com uma funcionalidade, posição divergente de Wundt, seu contemporâneo, que considerava a análise da consciência através do isolamento de seus elementos.

[12] Ibidem, p. 24

[13] ibidem, p. 26

[14] Filósofo e médico francês, lecionou cursos de Psicologia Experimental no College de France e na Sorbonne. Interessou-se pelos estudos da hipnose, introduzindo nesta o conceito de “sugestão”, definido como “ato pelo qual uma idéia é inserida no cérebro e aceita por ele”. Esta prática se refere, principalmente, à sugestão induzida pela palavra. Janet, em seus estudos sobre a histeria, forneceu bases para a investigação do inconsciente, utilizando o conceito de subconsciente para se referir à estrutura daquilo que não é consciente. À P. Janet se deve a descrição do que foi chamado Psicastenia, designando as diminuições das atividades psíquicas que caracterizavam as perturbações mentais dos doentes atacados de obsessão, fobia, abulia, etc.

[15] ibidem, pp. 27/28

[16] Citado por Dembo (a respeito do qual nada foi encontrado), consiste em uma descrição feita por P. Guillaume, na sua Psychologie de la Forme, em que um indivíduo precisa alcançar um objeto colocado sobre uma cadeira, mas sem colocar o pé fora de um círculo traçado no chão. Esta situação acaba gerando uma forte tensão emocional, que tende a desencadear um ataque violento de ira, em que a pessoa não consegue solucionar o problema, utilizando, então, a raiva como uma fuga a essa incapacidade, através de um comportamento inferior e desadaptado.

[17] ibidem, p. 37

[18] ibidem, p. 42/43

[19] idem, p. 43

[20] idem, p. 44